

NOSSOS MESTRES

“Eu não disse que ia dar certo?”

“Todo esse desejo de que a educação fosse um lugar para as pessoas se tornarem mais donas de si se materializou no projeto de cotas”, afirma a diretora da FAC/UnB, Dione Moura, que foi a relatora da proposta pioneira aprovada pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) em 2003. A UnB foi a primeira federal a instituir o sistema de cotas para negros e indígenas.

Hoje, ela e os quatro irmãos são formados e têm carreiras consolidadas. Mas essa não foi a realidade de vizinhos e colegas de escola. Nesse sentido, um momento da infância em especial marcou a vida da professora. Um grupo de estudantes da terceira série, que nem eram seus amigos próximos, juntaram todas as moedas que tinham e a presentearam com um compasso. “Eles falaram assim: ‘Porque você vai conseguir’. Eles entendiam que a rede que minha mãe criava ia fazer a diferença, e eles não tinham essas mesmas condições”, revela.

Cena que se uniu a tantas outras que fizeram parte do cotidiano da jovem goiana de coração nordestino. Na hora do recreio, um menino preto brincava e era observado de longe pela mãe solo, que carregava no olhar a melancolia de saber que ele nunca conseguiria chegar ao topo. “Ele não vai conseguir, porque a sociedade não vai deixar. Ele será perseguido, isolado”, pensava a professora, que à época tinha apenas 9 anos. “Quando eu chego para as cotas, esses colegas todos tinham se perdido, e eu sabia que eles tinham se perdido pelo racismo estrutural. Hoje, poderiam ser engenheiros, médicos, biólogos, cientistas, empreendedores, empresários”, elenca.

Os 10 anos seguintes à aprovação das cotas na UnB foram de muita luta e uma defesa contínua da proposta: em fóruns, no Senado, na Câmara, em debates. “Durante uma década, a gente tinha um plantão de 24 horas — jurídico, epistemológico, teórico, filosófico — defendendo a

Kayo Magalhaes/CB



Pesquisa

Há 20 anos, Dione foi coorganizadora do evento de criação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), com a equipe que aparece na foto abaixo. Acima, com os organizadores da edição deste ano, na FAC, onde foi homenageada.

PARA LER



Vá no seu tempo e vá até o final: Mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB
 Organização: Dione Moura e Deborah Santos
 Editora UnB
 R\$ 106



Arquivo pessoal

política de inclusão”, diz. E Dione era a melhor defensora possível, pois se sentia a prova viva da capacidade de meninas e de meninos negros da periferia.

O edital de acesso à universidade por meio do sistema de cotas, elaborado com dezenas de contribuições e revisões, não teve uma linha questionada durante o julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF). “Nós nos dedicamos a isso: a conseguir estruturar um edital com tal legitimidade e legalidade, com tal grau de constitucionalidade que se tornasse inquestionável.”

Neste Mês da Consciência Negra, no mesmo ano em que o sistema de cotas da UnB completa duas

décadas, a política nacional de cotas passa por uma revisão que traz avanços para a população negra. Amanhã, o presidente Lula sanciona o Projeto de Lei nº 5.384/2020, que atualiza a Lei de Cotas. Se Dione pudesse resumir em uma frase o sentimento que fica de todo o processo seria: “Eu não disse que ia dar certo?”

Mas a professora avalia que a sociedade brasileira ainda está longe de chegar a um ponto de Justiça. O argumento de que as cotas comprometeriam a qualidade da universidade caiu por terra com a implantação do sistema. Os dados do Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes (Enade) divulgados

no início do mês reforçam a qualidade dos cursos da UnB. O que é dirigido por Dione, inclusive, obteve nota máxima na avaliação.

“É hora de a sociedade olhar e pensar: ‘E agora? Vou ter que tirar o meu chapéu do preconceito e vestir o chapéu da inclusão’, reforça. “Existe um cansaço social de sustentar tanto preconceito”, analisa a professora. “De alguma forma existe no inconsciente coletivo esse desejo de deixar de ser um país tão embasado nessa memória da senzala e tornar-se um país mais humano.”

Como boa professora, Dione finaliza o raciocínio com uma metáfora sobre o papel da universidade no impulsionamento das mudanças sociais. Nesse processo das cotas, ela compara a universidade ao copiloto de um carro — o Brasil. O que essas instituições fizeram, portanto, foi despertar a consciência histórica do motorista e mostrar a chaga deixada pela escravidão de negros e de indígenas, mas que havia chegado o momento de deixar para trás a estrada da exclusão e pisar no acelerador. “Vamos agora pegar a estrada da inclusão e trazer de volta aqueles que a gente abandonou e jogou para fora do nosso carro.” (MN)